

Velocidade e política de Paul Virilio

Verceles Amancio

Integrante do colegiado do Memorial Brasileiro dos Direitos Humanos - MBDH/UFSC.

vercelesa@intergate.com

Resumo

O presente artigo aborda como o pensador francês, arquiteto, urbanista, filósofo, especialista em questões estratégicas, analista dos meios de comunicação, da guerra da informação e do mundo cibernético, Paul Virilio considera a velocidade no mundo contemporâneo enquanto um valor a partir do advento da revolução política, a qual não apenas produz mais depressa mas também destrói mais depressa. Valendo-se do termo "Dromologia" (estudo da velocidade) Virilio procura demonstrar que a lógica da corrida se explicitaria numa concepção teórica capaz de articular velocidade e política com a entrada no mundo do equivalente-velocidade ao equivalente-riqueza. Assim, Virilio articula quatro aspectos de tal processo: a revolução dromocrática, o progresso dromológico, a sociedade dromocrática, e o estado de emergência.

Palavras-chave: Velocidade. Política. Dromologia. Paul Virilio.

Analista dos meios de comunicação, da guerra da informação e do mundo cibernético, é essas as referências encontradas do escritor, arquiteto, urbanista, filósofo e especialista em questões estratégicas. Paul Virilio, pensador francês, precursor, engenhoso e sutil, tem sido a voz cética em dissimular os efeitos da velocidade, num mundo onde o cidadão é objeto de um constante bombardeio informacional e des-informacional.

Virilio considera a velocidade como valor a partir do advento da revolução política, não se tratando apenas de produzir mais depressa mas sim, também de destruir mais depressa. A medida que a produção é suplantada pela produção da destruição, percebe-se que a evolução da máquina de guerra é involução da humanidade. Se a lógica da riqueza se expressa numa economia política, a lógica da corrida se explicitaria numa concepção teórica capaz de articular velocidade e política. É essa articulação que o autor tenta construir seu pensamento, daí a elaboração do livro: Velocidade e Política, que é organizado em quatro partes: A revolução dromocrática, O progresso dromológico, A sociedade dromocrática e O estado de emergência.

Dromologia, termo utilizado pelo autor, que o mesmo, define como o estudo da velocidade. Dromo, do grego, corrida. Portanto a lógica da corrida. Ou seja, para Virilio foi a entrada no mundo do equivalente-velocidade ao equivalente-riqueza.

O livro *Velocidade e Política* é um ensaio sobre o que acontece quando a atração terrestre é superada. Muitas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas. O encolhimento do mundo, a essa estranha contração que foi aproximando tanto todos os lugares, todas as suas faces, a ponto de fazer dele uma interface. A revolução da informação e o movimento de globalização conduziram tal processo, ou seja, para Virilio, o indivíduo passou a viver em “Estado de Emergência”.

O Ciberespaço é um novo continente, é uma realidade suplementar, o que deve refletir a sociedade dos indivíduos. A Cibernética é universal, sem chefe e sem líder. A análise da evolução tecnológica e a sua relação com a própria sociedade da informação, sendo, a imediaticidade do presente tendo primazia sobre o passado e sobre o futuro. Temos então a constatação da imposição de uma teoria da economia política da velocidade caracterizado pelas sociedades atuais, integradas estas no tempo histórico em que se vive. Pois, no momento em que, se é ameaçado por uma cibernética social, pelas telecomunicações, pela internet e pela automatização da interatividade, é necessário que haja uma economia política da velocidade como há uma economia política da riqueza e da acumulação. Senão, não poderemos resistir a esta poluição das distâncias que é imperceptível e invisível.

“A nova concepção de tempo leva-nos necessariamente para um outro conceito de espaço e de velocidade. Se o presente é o que se impõe, a aceleração predomina, logo, o espaço reduz-se. Ou seja, através da hiperconcentração do tempo real, há o caminhar para o desenquadrar do homem da tridimensionalidade temporal, devido à imposição do atuar a “velocidade da luz”, o que implica por seu lado, o alterar do próprio conceito de trajeto”, relata Jeudi..

As tecnologias avançadas convergiram para moldar um espaço-tempo sintético. Então dentro dessa nova concepção, a vida do indivíduo vai depender da velocidade de sua corrida. Se for muito lento, morrerá literalmente desintegrado pelo tiro das bocas de fogo. Nesta nova guerra tudo se transforma na questão do tempo ganho pelo homem sobre os projéteis mortais para os quais sua marcha o precipita; a velocidade significa tempo ganho, no sentido absoluto, já que ele se torna Tempo humano diretamente arrancado à Morte. A salvação já não está na fuga, a salvação está em “correr” para sua Morte, “matar sua Morte”.

Segundo Santos, a aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das idéias, mas, também, acrescentou novos itens a história. Junto com uma nova evolução de novos materiais e de novas formas de energia a aceleração contemporânea, é um resultado também da banalização da invenção, do perecimento prematuro dos engenhos e de sua sucessão alucinante. Esse efêmero não é uma criação exclusiva da velocidade, mas de outra vertigem, trazida com o império da imagem e a forma como, através da engenharia das comunicações, ao serviço da mídia, ela é engendrada um arranjo deliberadamente destinado a impedir que se imponham a idéia de duração e a lógica da sucessão.

De acordo, com o artigo, “Elogio Da Lentidão” a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todas os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Considerando em si a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Essa velocidade exacerbada, própria a uma minoria, não tem e nem busca sentido. Serve à competitividade desabrida, coisa que ninguém sabe para o que realmente serve, de um ponto de vista moral ou social. Tal velocidade põe-se a serviço da política dos Estados e das instituições supranacionais. E aí se situa a matriz de um grave equívoco.

É inegável que novos procedimentos para a veiculação de informações terão injetado no processo histórico “aceleração e velocidade” ao ritmo dos acontecimentos.

Segundo Santos, a aceleração contemporânea tem de ser vista como um momento coerente da história. Para entendê-la, é necessário e urgente reconstruir, no espírito, os elementos que formam a nossa época e a distinguem de outras.

A revolução industrial, o capitalismo e a tecnologia da informação, devido á sua velocidade e ao seu alcance, criaram uma civilização mundial.

A revolução é o movimento, mas o movimento não é uma revolução. Assim interpreta Virilio, a guerra é a “continuação da política” por outros meio, seria antes uma perseguição policial em maior velocidade, em outro veículos. A passagem da “grande máquina imóvel” ao Estado-máquina, realiza-se sem dificuldade política de progresso, de mudança, são palavras vazias se não se enxergar por trás da megalópole elétrica, da cidade que não pára, a silhueta escura da velha fortaleza lutando contra sua

inércia e para quem parar significa morrer. A violência da velocidade e a denunciar a máquina-de-morte que está por trás da aventura tecnológica, ou seja, a relação com a cidade e imediatamente uma relação com a política. O envolvimento numa ideologia política tem ocultado o fato de que a política é antes de tudo pólis.

A guerra é uma oposição à essência da guerra na tecnologia, na sociedade, na filosofia da tecnologia, e não uma oposição ao homem. A ciência e a tecnologia vêm do questionamento do homem sobre a natureza. A partir do saber revelado sobre o enigma da natureza é que a tecnologia foi produzida. Porém, passando-se há mais de um século, por seu desenvolvimento, o enigma da ciência e da tecnologia tende a substituir o enigma da natureza.

A revolução industrial, diz “Dechert”, há mais de um século atrás; nós as estamos perdendo num ritmo acelerado desde o pleno impacto da revolução científica que nos atingiu, direta ou indiretamente, tem sido a nova tecnologia que as revoluções trouxeram à existência que alterou o sistema da vida nacional em detrimento do processo democrático. Os grandes benefícios que retiramos da tecnologia têm seu preço. “O problema de como limitar o poder de como limitar o poder de modo que os homens possam ser livres é eterno e cumulativo. Mal uma sociedade se organize para controlar uma espécie de poder, tão logo aparecem outros que se alinham ao lado do antigo”.

As tecnologias organizam o tempo. A interrupção atua mais sobre a temporalidade que sobre o espaço. A tecnologia não nos dá nada mais, ela nos interrompe diferentemente. A conexão do corpo que dirige com o corpo que se locomove é uma conexão com um tipo diferente de mudança de velocidade. A interrupção no espaço foram as muralhas, regras, cintos de castidade. Agora a interrupção do tempo. Nos ligamos na duração íntima de cada um, o fim do tempo, ou fim da temporalidade, como o derradeiro advento da humanidade. É a relação que Virilio faz com a história e a velocidade; paralelo este, que a morte sendo uma interrupção do conhecimento, ou seja, todas as interrupções o são. E é porque existe uma interrupção do conhecimento que um tempo que lhe é próprio se constitui. Todas as interrupções estruturam o ritmo de alternância de consciência e inconsciência, que a idealizam.

Com o desenvolvimento acelerado da tecnologia, temos, diretamente, um fenômeno de inércia e morte, o mesmo que a sedentariedade geográfica representava

para os nômades dos estepes, mas agora é situado no tempo. Uma sedentariedade no tempo Morto. O movimento paralisa. A velocidade nos empurra para dentro de um espaço paradoxal.

A Guerra e a Velocidade

Paul Virilio declara que a guerra foi a sua universidade, e que, através dela, obteve uma profunda compreensão do fenômeno militar. Em termos técnicos, a velocidade é uma transferência de energia; “estabilidade-movimento e movimento-do-movimento. Eu acelero (movimento-do-movimento). A passagem de movimento-do-movimento, é uma transferência de energia, que podemos também chamar de um acidente de transferência. A questão da guerra resume-se na questão da velocidade, de sua organização e produção, enfim, em tudo que a circunda. A máquina de guerra não são só explosivos, também é comunicação, vetorização. É essencialmente, a velocidade da expedição. É a guerra operando nas ciências. E tudo o que já está pervertendo o campo do conhecimento; tudo o que está alinhando os diferentes ramos do conhecimento numa perspectiva do fim.

Segundo Dechert, o termo Cibernética vem da palavra grega Kybernetes, que significa timoneiro. Platão faz uso dela para descrever o aspecto prudencial da arte de governar. Ampère em seu Ensaio sobre a Filosofia da Ciência usou o termo Cybernétique para a ciência do governo civil. O termo latino gybernator é derivado do grego e daí também nossa palavra governador. No inglês usamos o termo governor (governador) pelo menos em dois sentidos: no sentido de líder público ou de executivo político, ou então, para nos referirmos a um mecanismo de válvula que se ajuste automaticamente numa máquina a vapor, a fim de mantê-la numa velocidade constante em variadas condições de carga. No governador de uma máquina a vapor, uma válvula ligada ao eixo de saída, aumenta o fluxo de vapor para a máquina quando diminui a velocidade, aumentando a velocidade até o nível desejado ou reduzindo o vapor, se a velocidade exceder o nível preestabelecido.

Partindo então, do pressuposto da origem da palavra Cibernética, ao relacionar guerra, máquina, velocidade, conseqüentemente tecnologia e informação, para então entender a ligação e absorver melhor, a relação dessas palavras, principalmente guerra e velocidade no mundo cibernético. Que no entanto, relação esta tão inserida ao

pensamento de Paul Virilio. Relação esta que o mesmo coloca como sendo o exército o lugar onde a velocidade pura sempre foi e é usada. O exército usa as mais pertinentes velocidades, seja, nos mísseis ou nos aviões. A hierarquia da velocidade é equivalente à hierarquia da riqueza. As duas estão acopladas. E então, realmente, o estado de emergência, a era da intensidade, estão ligados à supremacia da velocidade.

Virilio em “A Guerra Pura”, coloca que a tecnologia que estamos vivendo hoje, tem um futuro promissor, porque é semelhante ao que aconteceu na história da guerra. Na guerra, vimos quão importantes são o desaparecimento, a camuflagem, a dissimulação. Toda guerra é uma guerra de astúcia. Com a técnica do desaparecimentos, não mais a prática dos campos de concentração, cercos de estilo alemão nazista, mas sim, o desaparecimento das pessoas. O desaparecimento do lugar e do indivíduo ao mesmo tempo. Essa modernidade de recusa de cidadania, de direitos, de habeas corpus. Com esta técnica é mais fácil fazer as pessoas desaparecerem uma a uma, milhares por milhares, do que encerrar milhões em campos de concentração, como fizeram os nazistas.

A nova técnica de desaparecimentos que está substituindo os Gulags (é uma espécie de anticidade existente em um território invisível). O desaparecimento de cidades. Entretanto o desaparecimento é um des-investimento. Destacamos que a guerra esta automatizada, e com ela o poder d decisão. Eles não precisam mais de homens, de soldados ou trabalhadores, só de meios de extermínio absoluto, tanto ao nível comercial quanto no resto. O desaparecimento em velocidade excessiva, das peculiaridades do mundo e da consciência que poderíamos ter delas na medida em que a velocidade ultra-acelerada nos torna inconscientes. Virilio coloca que a destruição absoluta corresponderá a velocidade absoluta. Não haverá lugar para o homem, só armas. A questão real da monarquia nuclear.

A “**Guerra Pura**” segundo Virilio não necessita mais de homens, e é por isso que ela é pura. Ela não precisa da máquina de guerra humana, de forças humanas mobilizadas. Porque a guerra nuclear é idolatria, a **Guerra Pura** é uma situação inteiramente comparável à do ídolo supremo. A guerra econômica que assola atualmente a Terra é tão somente a fase lenta da guerra declarada, de um assalto rápido e breve por vir. A primeira vítima da velocidade como guerra é a verdade. A importância da velocidade no fenômeno da guerra também é um fenômeno de visão de mundo.

Em *Estratégia da Decepção*, é relatado que os dejetos de uma civilização industrial militar e científica que se dedicou durante quase dois séculos a despojar os indivíduos do saber e do saber-fazer acumulados de geração a geração ao longo de milênios. Enquanto não vinha um movimento pós-industrial que agora pretende bani-los, em vista de sua inutilidade definitiva, para zonas em que não existe direito, onde são lançadas totalmente indefesos pela violência de carrascos de um novo tipo.

A guerra permanente, não mais civil, mas feita contra civis, essa perpétua ameaça que, provoca a emigração pânica de populações locais, pilhadas, extorquidas, violentadas, para os últimos eldorados onde ainda existe um Estado de Direito. Essa trágica dissolução do direito dos povos, dito em “*Estratégia da Decepção*”, que assinala a reviravolta fundamental em execução num planeta arruinado, onde logo não existirá nada que se possa conseguir. No século XXI, não tenhamos dúvidas, o abandono do antigo antropocentrismo estará mais do que nunca na ordem do dia.

Diz Virilio que a guerra deslocou-se assim do estágio da ação ao estágio da concepção que caracteriza, a automação. Incapaz de controlar a emergência dos novos meios de destruição, a dissuasão equivale, finalmente, à criação de seqüências de automatismos, procedimentos industriais e científicos reacionários das quais se faz ausente qualquer escolha política. A máquina de guerra já não é somente toda a guerra, ela se transformou no inimigo principal dos parceiros adversários, privando-o de sua liberdade de movimento. A apolítica do pior que fatalmente faz com que a máquina de guerra venha a se tornar, algum dia, a própria decisão da guerra, realizando assim a perfeição de sua auto-suficiência, a automação da dissuasão. A origem militar, a **internet** tem objetivos militares e desempenha, no domínio da informação o mesmo papel que a interferência nas emissões inimigas nas guerras mundiais anteriores. A violência da velocidade tornou-se simultaneamente, o lugar e a lei, o destino e a destinação do mundo.

Segundo Albert Einstein, a paz é a única forma de nos sentirmos relmente humanos.

A Informática e a Velocidade

Desde o século XVII, ou seja a “Era das Luzes”, Virilio relata em “*A Guerra Pura*”, que acredita-se que a tecnologia e a razão andavam de mãos dadas em direção ao

progresso, ao futuro. Onde achariam a solução para a doença, a pobreza, a desigualdade. Era a solução do mundo acabando na guerra nuclear, na guerra total, no extermínio e no genocídio. Não controlamos o que produzimos. As invenções, as criações dos cientistas são enigmas que expandem o campo do desconhecido, que ampliam o desconhecido. A tecnologia é o enigma. A questão da tecnologia não apenas à substância produzida, como também ao acidente produzido. O enigma da tecnologia é o enigma do acidente.

Cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico. Virilio exemplifica, que com a invenção das ferrovias inventaram a catástrofe ferroviária. A invenção do barco foi a invenção dos naufrágios. A invenção da máquina a vapor e da locomotiva foi a invenção dos descarrilhamentos. A invenção da auto-estrada foi a invenção do desastre aéreo. E com o advento da tecnologia, precisa-se pensar instantaneamente a substância e o acidente. Sendo a substância tanto o objeto como seu acidente. O lado negativo da tecnologia e da velocidade foi censurado. Os técnicos, ao tornarem-se tecnocratas, tenderam a positivizar o objeto. Há muito a ser dito sobre a obscenidade da tecnologia.

Segundo Drucker, de 1750 a 1900, portanto, cento e cinquenta anos, o capitalismo e a tecnologia conquistaram o globo e criaram uma civilização mundial. Nem o capitalismo nem as inovações tecnológicas eram novidades; ambos haviam sido fenômenos comuns e recorrentes através das idades, tanto no ocidente como no oriente. Novidades eram a velocidade da difusão e seu alcance global através de culturas, classes e lugares. E foram essa velocidade e esse alcance que converteram o capitalismo em “Capitalismo” e em um sistema, e os avanços técnicos na “Revolução Industrial”.

Ainda decorrendo sobre o relato de Drucker, essa transformação foi motivada por uma mudança radical no significado de conhecimento. Tanto no ocidente como no oriente, o conhecimento sempre havia sido considerado aplicável a ser. Então, instantaneamente ele passou a ser aplicado a fazer, transformando-se em um recurso e uma utilidade. O conhecimento, que sempre havia sido um bem privado, transformou-se em bem público.

Em Capra , lemos que nos últimos trinta anos, a revolução da informática deu origem a um novo tipo de capitalismo profundamente diferente do que se formou durante a Revolução Industrial ou do que se constituiu depois da segunda Guerra Mundial. Esse novo capitalismo tem três características fundamentais: suas principais

atividades econômicas são globais; seus principais fatores de produtividade e competitividade são a inovação, a geração de conhecimentos e o processamento de informações, e ele se estrutura, em grande medida, em torno de redes de fluxos financeiros. Esse novo capitalismo global também é chamado de “nova economia” o simplesmente de “globalização”. O efeito da nova economia sobre o bem-estar da humanidade tem sido mais negativo do que positivo. As análises mostram que a nova economia está gerando um sem número de conseqüências danosas, todas elas ligadas entre si: o aumento da desigualdade e da exclusão social, o colapso da democracia, uma deterioração mais rápida e mais extensa do ambiente natural, e uma pobreza e numa alienação cada vez maiores.

O novo capitalismo global pôs em risco e realmente destruiu comunidades locais no mundo inteiro; e, com a prática de uma biotecnologia erroneamente concebida, violou a santidade da vida, na medida em que tentou reduzir a diversidade à monocultura, transformar a ecologia numa simples engenharia e fazer da própria vida uma mercadoria.

Segundo Dechert, jamais o homem em toda sua história possuiu um poder tão grande de fazer dano aos seus semelhantes e à sociedade. Nem a opinião pública nem a lei já se deram conta de seu novo potencial destrutivo. É esse o motivo por que os perpetradores de danos tecnológicos muitas vezes ficam impunes.

Virilio em “Bomba da Informática”, relata um dos danos causados pela tecnologia, devido a essa perda de “liberdade” comportamental, toda a crítica da técnica desapareceu pouco a pouco e deslizamos inconsciente da pura tecnologia para a tecnocultura e finalmente para o dogmatismo de uma tecnocultura totalitária em que todos se vêem pegos na armadilha, não mais de uma sociedade, de suas leis ou de seus interditos morais, sociais, culturais..., mas justamente daquilo que esses séculos de seu próprio corpo. A tecnologia é apenas instrumentos, técnicos, processos, os artefatos modelados pelo moderno homem industrial para aumentar suas forças mentais e físicas.

Dechert coloca que a tecnologia é ação, sendo, por conseguinte, potencialmente perigosa. A menos que se adapte aos interesses, necessidades, valores e princípios do homem, isto é, a menos que seja humanística, a tecnologia fará mais mal do que bem. Pois ampliando o poder mental e físico do homem, realça sua capacidade de fazer o mal do mesmo modo como realça sua capacidade de fazer o bem.

Mas esse poder da tecnologia, despertou no homem a capacidade de enfatizar à fazer o mal, a violar um dos princípios nobres do indivíduo, invadindo sua privacidade, sua individualidade, e conseqüentemente gerando a perda de sua liberdade. Virilio nos mostra a situação paradoxal, uma vez que a mundialização do mercado único exige a superexposição posição de toda atividade, a concorrência simultânea das empresas, das sociedades, mas também dos consumidores e, portanto dos próprios indivíduos, e não mais unicamente de determinadas categorias de populações alvo. De fato, a famosa Mundialização exige que todos se observem e se comparem incessantemente.

Há muito tempo que o olhar vigilante não pertence mais ao artista nem mesmo ao cientista, mas aos instrumentos de investigação tecnológica, a industrialização combinação da percepção e de informação. Assim diz Virilio, essa endocolonização de um mundo sem intimidade, tornando estranho e obscuro, inteiramente entregue às técnicas de informação e à superexposição dos detalhes.

A divulgação global da informação, necessária à era do grande mercado planetário, será semelhante, em muitos aspectos, as praticas e à exploração da informação militar, assim como à propaganda política e aos seus abusos. De fato, não poderá compreender nada da revolução da informação sem perceber que ela alimenta, também, de maneira puramente cibernética, a revolução da delação generalizada. Depois da primeira bomba, a bomba atômica capaz de desintegrar a matéria pela energia da radioatividade, surge então, o espectro da segunda bomba, a bomba informática, capaz de desintegrar a paz das nações pela interatividade da informação.

A aceleração da história recente choca-se contra o muro do tempo real, esse tempo mundial e universal que amanhã suplantará o conjunto dos tempos locais que fizeram a História. Ao Tempo-matéria da dura realidade geofísica dos lugares sucede então esse Tempo-luz de uma realidade virtual que modifica radicalmente toda duração, ocasionado assim, com o acidente do Tempo, a aceleração de toda realidade: a das coisas, dos seres, dos fenômenos socioculturais...

...”Depois da era da aceleração energética dos motores a vapor, a explosão ou ainda do motor elétrico, vem, pois, a era da aceleração informática dos últimos motores, motor da “inferência lógica” do computador e de seu programa, “motor de realidade” do espaço virtual e programa de busca da rede das redes, em que a velocidade do cálculo tomar o lugar do turbo compressor do motor do motor automóvel, ou ainda da

velocidade das turbinas e propulsores da aviação supersônica... A velocidade absoluta dos novos meios de transmissão telemáticos vem dominar, por sua vez, a velocidade relativa dos antigos meios de transporte, e a aceleração local dos veículos dá lugar à aceleração global dos vetores de uma informação em vias de globalização”. (A Bomba Informática).

A velocidade-luz, quer dizer, uma forma estranha de “iluminação” que cria o espaço-tempo daquilo que se vê, “a velocidade não é um fenômeno mas uma relação entre fenômenos” .Em Cordeiro, saber produzir não implica o saber o que se faz; há aí uma ruptura muito nítida, mas não é por isso que eu sei o que isso é.

Um Estado dromocrático pouco interessado em subverter sua constituição interna, fundar direitos fundiários hereditários, ou mesmo em ampliar os domínios reais, exceto, ao longo dos grandes vetores. E assim, mediano e dominando todos os meios de comunicação, na ideologia religiosa, moeda, saber, comércio exterior, meios de transporte e de informação. E como no caso das leis de limitação da velocidade, trata-se aí de atos de governo, isto é, diz Virilio, o sistema viário político visando justamente limitar o poder de assalto extraordinário que a motorização das massas desenvolve. Essa frustração infligida ao condutor bruscamente privado tanto da embriaguez das altas velocidades como da embriaguez alcoólica, esta proibição veicular é também a constituição pelo Estado, de um novo porvir.

O Espaço e a Velocidade

A cidade era o meio de se mapear um espaço político que existiu numa dada duração política. Agora a velocidade, ubiqüidade, instantaneidade, dissolve a cidade, já não habitamos o tempo gasto mudando de lugar, o tempo da viagem. Há uma espécie de lugar, o tempo da viagem. Há uma espécie de destruição causada pela imediação saturante, que está vinculada à velocidade. No entanto, o perigo do poder nuclear deveria ser visto menos na perspectiva da destruição de populações do que da destruição da temporalidade societal.

Segundo Virilio, a cidade sempre foi uma caixa de velocidades. A organização das cidades são as ruas. A Grécia eles não dizem uma rua dizem “uma corrida” (dromos). Enquanto as possibilidades de aceleração eram desprezíveis e a cidade definida muito mais por muralhas que por auto-estradas, acreditava-se que as cidades

não organizavam a velocidade. Uma cidade não é simplesmente um lugar onde se vive é acima de tudo uma encruzilhada. A força e a velocidade da virtualização contemporânea são tão grandes que exilam as pessoas de seus próprios saberes, expulsam-nas de sua identidade, de sua profissão, de seu país. As pessoas são empurradas nas estradas, nos barcos, acotovelam-se nos aeroportos. Outros, ainda mais numerosos, verdadeiros imigrados da subjetividade, são forçados a um nomadismo do interior. E com isso, a consequência só pode ser, com o tempo o desencadeamento da violência brutal. Assim, antes de tentar acompanhar e dar sentido à virtualização, dentre os valores e princípios do indivíduo, criando um meio mais afetivo.

Conforme Santos, o caminho secular que conduziu a sociedade humana à necessidade cotidiana de medida, padronização, ordem e racionalização. Em que hoje o próprio espaço, o meio técnico-científico, apresenta-se com idêntico conteúdo de racionalidade, graças à intencionalidade na escolha dos seus objetos, cuja localização, é funcional aos desígnios dos atores sociais capazes de uma ação racional. Através do espaço, a mundialização, em sua forma perversa, empobrece e aleija. A vida não é um produto da Técnica mas da Política, a ação que dá sentido à materialidade.

De acordo com Silva a sociedade da informação se caracterizará pelo consumo em massa de informações, tanto no trabalho quanto em casa e no lazer. O conceito de realização estará mais relacionado ao consumo de informações. Assim, as pessoas, de forma consciente ou inconsciente, vão aos poucos deixando os contatos com a realidade em prol da assimilação com o virtual. Fase esta em que há a tendência de se tratar as máquinas como gente e as pessoas como se fossem máquinas.

Segundo Lévy, diversos sistemas de registro e de transmissão (tradição oral, escrita, registro audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes, a novas velocidades é o primeiro grau da virtualização. Cada novo agenciamento, cada “máquina” tecno-social acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de trama elástica e complicada em que as extensões se recobrem, se deformam e se conectam durações se opõem, interferem e se respondem. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse. Como a das informações, dos conhecimentos, da economia e da sociedade, a virtualização dos corpos que experimentamos hoje é uma nova etapa na aventura de autocriação que sustenta nossa espécie.

Raios X, scanners, sistemas de ressonância magnética nuclear, ecografias, câmeras de pósitons virtualizam a superfície do corpo. A partir dessas membranas virtuais, pode-se reconstruir modelos digitais do corpo em três dimensões e, a partir daí, maquetes sólidas que ajudarão os médicos, por exemplo, a preparar uma operação. Pois todas essas peles, todas esses corpos virtuais têm efeitos de atualização muito importantes no diagnóstico e na cirurgia. No reino do virtual, a análise e a reconstrução do corpo não implica mais a dor nem a morte. Pela telepresença e pelos sistemas de comunicação, os corpos visíveis, audíveis e sensíveis se multiplicam e se dispersam no exterior.

A virtualização do corpo estimulam as diversas distâncias e a todas as trocas. Os transplantes criam uma grande circulação de órgãos entre os corpos humanos. De um indivíduo a outro, mas também entre mortos e vivos. Entre a humanidade, mas igualmente de uma espécie a outra: enxertam-se nas pessoas corações de babuíno, fígados de porco, fazem-nos ingerir hormônios produzidos por bactérias. Os implantes e as próteses confundem a fronteira entre o que é mineral e o que está vivo: óculos, lentes de contato, dentes falsos, silicone, marca-passos, próteses acústicas, implantes auditivos, filtros externos funcionando como rins sadios. O olhos (as córneas), o esperma, os óvulos, os embriões e sobre tudo o sangue são agora socializados, mutualizados e preservados em bancos especiais. Um sangue desterritorializado conforme reflexão de Lévy, corre de corpo em corpo através de uma enorme rede internacional da qual não se pode mais distinguir os componentes econômicos, tecnológicos e médicos. O fluido vermelho da vida irriga um corpo coletivo, sem forma, disperso.

Lévy diz que esses esforços de ultrapassar limites, de conquistar novos meios, de intensificar as sensações, de explorar outras velocidades que se manifesta numa explosão esportiva específica de nossa época. O corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hipercorpo híbrido, social e tecnobiológico.

A virtualização diz Santos deverá agravar ainda mais o conflito e a desagregação familiar e social. E assim o maior desafio da sociedade da informação não será apenas a conquista de bens materiais ou informacionais, mas, acima de tudo, as conquistas, interiores e o aprimoramento do próprio homem.

Virilio relata que não se trata mais da supremacia de um meio de informação sobre a imprensa, o rádio ou o cinema, é a casa que se transforma em uma casa de imprensa, uma arquitetura em que a dimensão-informação se acumula e se comprime, em concorrência direta com as dimensões do espaço das atividades diárias. O “falso-dia” eletrônico funciona como a objetiva das câmeras, ao reverter não somente a ordem das aparências em benefício, mas ainda a supremacia de determinados elementos construtivos, concedendo assim à janela catódica o que ela retira tanto em termos de acesso como de luz do dia...Se a informática, suas redes, bancos de dados e terminais é portanto uma energética, a informação transmitida é por sua vez um modo de formação que afetará amanhã os diferentes meios da organização em questão. A energia da informação alimenta, uma corrente de transformação descontínua, alternativa e de curtíssima duração, na qual o que domina não é mais tanto o espaço, a espacialidade da extensão dos diferentes meios (rural, urbano), mas antes a temporalidade, produtos das tecnologias avançadas.

Em “O Espaço Crítico”, o desequilíbrio entre a informação mediatizada das tecnologias avançadas é hoje tão grande que terminamos por transferir nossos julgamentos de valor, nossa medida das coisas, do objeto para sua figura, da forma para sua imagem, assim como dos episódios de nossa história par sua tendência estatística, de onde o grande risco tecnológico de um delírio generalizado de interpretação. Não é mais o tempo de passagem que serve de padrão para o espaço percorrido, mas sim a velocidade, a distância-velocidade, que tornou-se a medida, a dimensão privilegiada tanto do espaço quanto do tempo.

Ao saber distinguimos três tipos de distância. A distância-espaço, o quilômetro; a distância-tempo, o quilômetro/hora; a distância-velocidade, que é o mach (relação de uma velocidade à velocidade do som). Segundo Virilio o movimento não é mais indexado de acordo com a métrica mas com a velocidade do som. Há cinquenta anos, por exemplo, levava-se vinte e quatro horas para ir de Paris a Nova Iorque. Agora leva-se três horas e meia. Com o jato de hidrogênio, levar-se-á apenas meia hora. Mas, ao mesmo tempo, ainda leva-se três horas e meia para se ir de Paris à ilha de Córsega. Portanto, há uma desregulagem da distância que cria distâncias-espaço. A geografia é substituída pela cronografia. O metro-mach do Concorde substituiu o quilômetro.

A luz da velocidade ilumina o mundo, a matéria, no momento em que lhes dá uma representação, assim, de acordo com, “O Espaço Crítico”, essa representação na

qual a violência de sua fusão, a potência de sua emissão, substituíram a trajetória do sol da aurora ao acaso. De fato, o dia e a noite deixaram de organizar a vida, a cidade, a partir do momento em que o espaço e o tempo perderam sua importância prática para dar lugar a uma maior transparência, a uma maior profundidade cinemométrica em que a luz subitamente adquire o status de “matéria-prima”. Uma vez que o visível é apenas o efeito de superfície (interface) da instantaneidade da emissão luminosa e que, além disso, o que passa cada vez mais rápido no nível ocular é percebido cada vez menos. Se a velocidade é a luz, toda a luz, então a aparência é o que se move, e as aparências são transparências momentâneas e enganosas, dimensões do espaço que não passam de aparições fugitivas, assim como as figuras, os objetos percebidos no instante do olhar, este olhar que é, a um só tempo, o lugar e o olho.

A fábrica de velocidade e portanto de luz e de imagens, esta tornou-se subitamente projeção cinemática da realidade, fabricação do mundo, de um mundo de imagens artificiais, montagem de seqüências em que a ótica da ilusão motora renova a ilusão ótica. A velocidade permitindo, enfim, romper sem dificuldade a distância entre a física e a metafísica.

Segundo Virilio a inteligência dromocrática não se exerce contra um adversário militar determinado, ela se exerce como um assalto permanente ao mundo e através dele, como um assalto a natureza do homem. O desaparecimento da fauna e da flora, a anulação das economias naturais, são apenas a lenta preparação de destruições mais brutais. Fazem parte de uma economia mais vasta a do bloqueio, do cerco, isto é, das estratégias de inanição.

Colocação que esta de encontro com de “Capra” que diz, sendo o efeito da nova economia sobre o bem-estar da humanidade tem sido mais negativo do que positivo. Ela enriqueceu uma elite global de especuladores financeiros, empresários e tecnocratas, mas, no todo, suas conseqüências sociais e ambientais têm sido catastróficas. As análises nos mostram que a nova economia está gerando um sem número de conseqüências danosas, todas elas ligadas entre si: o aumento da desigualdade e da exclusão social, o colapso da democracia, uma deterioração mais rápida e mais extensa do ambiente natural, e uma pobreza e numa alienação cada vez maiores. O novo capitalismo global pôs em risco e realmente destruiu comunidades locais do mundo inteiro; e, com prática de uma biotecnologia erroneamente concebida, violou a santidade

da vida, na medida em que tentou reduzir a diversidade à monocultura, transformar a ecologia numa simples engenharia e fazer da própria vida uma mercadoria.

Santos aborda que a dimensão mundial é o mercado. A dimensão mundial são as organizações ditas mundiais. Quando o mundo assim feito está em toda parte, o embate ancestral entre a necessidade e a liberdade dá-se pela luta entre uma organização coercitiva e o exercício da espontaneidade, o resultado é a fragmentação. O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado dentro e resiste, força tranqüila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar.

E assim Capra interpreta que, um dos elementos de uma rede viva contribui para a sustentabilidade do todo e faz parte desse todo, o capitalismo global baseia-se no princípio de que o ganhar dinheiro deve ter precedência sobre todos os outros valores. Com isso, se criam grandes exércitos de excluídos e se gera um ambiente econômico, social e cultural que não apoia a vida, mas a degrada. O grande desafio do Século 21 será o de mudar o sistema de valores que está por trás da economia global de modo a torná-lo compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica. E no entanto temos uma importante exortação moral que nos chama à responsabilidade de legar, as próximas gerações, um mundo tão cheio de oportunidades quanto o que nos foi legado.

A utopia social diz Virilio, nascerá menos dos antagonismos de classe que do ódio à Terra. O aspecto cronométrico desse império que movimenta sua violência na invisibilidade da proteção marítima, nação flutuante que se equipara à História, essa outra máquina de remontar no tempo. Com efeito, a vitória (a decisão) do mundo sem referências e sem acidentes. Se não nos situarmos em algum lugar sobre a terra, que nos situemos, ao menos, no Tempo, isto é, na mecânica planetária.

Encontramos em “O Espaço Crítico”, a reflexão em que, a urgente necessidade política de repensar esta lei do menor esforço que desde sempre esteve nas origens de nossas tecnologias. Uma lei que se impõe a nós e que se funda, como a lei do movimento astronômico dos planetas, sobre a gravidade esta força de atração universal que de uma só vez, dá peso, sentido e direção aos objetos que compõem o ambiente humano. Se estar presente é estar próximo fisicamente falando, apostemos que a

proximidade “microfísica”, não estejamos presentes para ninguém, encarcerados em um ambiente “geofísico” reduzido a menos que nada.

Considerações Finais

Em “Guerra Pura”, já alertava ao indivíduo, politizar a velocidade, seja a velocidade metabólica (a velocidade do ser vivo, dos reflexos), seja a velocidade tecnológica. É necessário politizar a ambas, porque o indivíduo são ambas. A velocidade não é considerada importante. Fala-se de riqueza, não de velocidade. No entanto, a velocidade é tão importante quanto a riqueza na fundação do político. Na riqueza, uma violência que já foi compreendida, o mesmo não ocorre com a velocidade. Velocidade é violência. A velocidade é o lado desconhecido da política, e sempre o foi. Em política, o aspecto riqueza foi focalizado há muito tempo. Toda sociedade é fundada numa relação de velocidade. Toda sociedade é dromocrática. Aquele que tem a velocidade tem o poder.

O homem dominou o fogo, os animais, a terra, as tecnologias, e até mesmo o espaço sideral. E agora descobriu que o seu maior inimigo na Terra é o seu próprio semelhante. Segundo Silva atualmente, o homem tem um poder de construir ou destruir, muito amplificado, porém, sem qualquer base ética, ou filosófica, para compartilhar esforços na construção de uma sociedade e de um mundo melhor. Entretanto, se o próprio homem, de forma consciente e deliberada, não estabelecer uma base de princípios e valores éticos para o uso da tecnologia avançada, ele muito provavelmente, será crucificado pela sua própria criação, que é a tecnologia avançada usada sem qualquer ética.

Em “Estratégica da Decepção”, lemos: “...em pleno processo de resolução de um conflito humanitário já se podem perceber os primórdios de nosso pós-guerra na primeira página dos jornais, com os delírios dos gurus da antropofagia histórica anunciando que, graças ao caráter aberto das ciências contemporâneas da natureza, “a biotecnologia fornecerá os instrumentos que nos permitirão realizar o que os especialistas em engenharia social não conseguiram. Nesse estágio, teremos encerrado definitivamente a história humana, porque teremos abolido os seres humanos enquanto tais. Então começará uma nova história, para além do humano”.

O livro “Velocidade e Política”, foi o primeiro a levantar a questão da velocidade. Não foram muitos autores que tocaram na velocidade. Existe Paul Morand, algum Keruac, mas isto é literatura. Para uma visão mais política da velocidade, há Marinetti e os futuristas italianos, e depois Marshall McLuhan que deu um passo nesta direção. “Velocidade e Política” não é tão importante pelo que diz, como pela questão que levanta.

“Velocidade e Política”, é um ensaio que pode servir como um instrumento para analisar sociedades antigas, assim, como contemporâneas e talvez, mesmo o futuro.

Segundo Drucker,a cada dois ou três séculos ocorre na história ocidental uma grande transformação. Em poucas décadas, a sociedade se reorganiza, sua visão do mundo, seus valores básicos, sua estrutura social e política, suas artes, suas instituições mais importantes. Depois de cinquenta anos, existe um novo mundo. E as pessoas nascidas nele não consegue imaginar o mundo em que seus avós viviam e no qual nasceram seus pais. Estamos atualmente atravessando uma dessas transformações. Ela está criando a sociedade pós-capitalista”.

A proximidade do mundo será tal que, diz Virilio, a “automobilidade” não será mais necessária. Quando a mobilidade física igualar as performances da mobilidade eletrônica, estaremos diante de uma inaudita situação de permutabilidade de lugares. Com efeito, este é o projeto atual. A tecnologia é que permite essa ubiquidade, essa instantaneidade. A proximidade, interface única entre todos os corpos, todos os lugares, todos os pontos do mundo, essa é a tendência. A ciência e a tecnologia desenvolve o desconhecido, não o conhecimento. A ciência desenvolve o que não é racional. No limite, isso é que é a ficção.

Referências Bibliográficas:

Dechert, Charles R. (1966/1970), O Impacto Social Da Cibernética. Rio de Janeiro, Bloch

Drucker, Peter. (1993), Sociedade Pós-Capitalista. São Paulo, Pioneira.

Lévy, Pierre .(1995/1996), O Que É O Virtual? São Paulo, ed. 34.

Santos, Milton. (1993/1998), Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo, Hucitec; cap. A Aceleração Contemporânea: Tempo-Mundo e Espaço-Mundo.

- Silva, Lenilson Navieira e. (1989/1995), A Quarta Onda. Rio de Janeiro, Record.
- Virilio, Paul. (1998/1999), A Bomba Informática. São Paulo, Estação da Liberdade.
- _____. (1983/1984), A Guerra Pura. A militarização do cotidiano. São Paulo, Brasiliense
- _____. (1999/2000), Estratégia da Decepção. São Paulo, Estação da Liberdade
- _____. (1978/1993), O Espaço Crítico. Rio de Janeiro, Ed. 34
- _____. (1977/1996), Velocidade e Política. São Paulo, Estação da Liberdade.
- Carrilho, Vinício. Brasil: Direito Virtual: Breve Ontologia e Conceito.
- Cordeiro, Edmundo. (1996), A Dromologia. Edições Relógio d'Água, Lisboa, prefácio à tradução de Vitesse de Libération, Paul Virilio, a publicar pelas Edições Relógio D'Água.
- Santos, Milton. (2001), Elogio Da Lentidão
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1103200109.htm>
- Interpretações Da História: opinião de Henri-Pierre Jeudi / Entrada/ A Decadência E As Elites No Âmbito Do Processo Histórico, 2003**
- Lucchesi, Ivo. (2004), Um olhar sobre a imprensa
- Capra, Fritjof. Uma ciência para a vida sustentável. Rede Internacional de Comunicação CTA-JMA.